

## EDUCAÇÃO PARA A CONSCIENTIZAÇÃO – UMA CONVERSA COM PAULO FREIRE

---

*Tradução e notas<sup>1</sup> de*

Ana Luiza Rocha do Valle  
Doutora em Letras pela FFLCH-USP  
Universidade de São Paulo  
São Paulo - SP, Brasil  
e-mail: [analuizarv@alumni.usp.br](mailto:analuizarv@alumni.usp.br)  
<https://orcid.org/0000-0002-5826-6608>

Franciele Busico Lima  
Doutoranda pela FAU-USP  
Professora do Instituto Singularidades  
São Paulo -SP, Brasil  
e-mail: [francielebusico@gmail.com](mailto:francielebusico@gmail.com)  
<https://orcid.org/0000-0002-0724-3270>

---

\* Nota das Editoras: O texto original está disponível no site do Acervo Educador Paulo Freire, <http://www.acervo.paulofreire.org/handle/7891/1207> [cons. 17 dez. 21]

<sup>1</sup> No texto original em inglês, alguns trechos estão ilegíveis. Nesses casos, sinalizamos os trechos que foram deduzidos, mas não puderam ser confirmados entre colchetes. Exemplo: [trecho deduzido]. Trechos completamente ilegíveis foram sinalizados com reticências entre colchetes: [...]. Todas as marcas em negrito são do texto original. O texto original não apresenta notas de rodapé, de modo que todas as notas aqui presentes foram elaboradas pelas tradutoras.



Paulo Freire nasceu em 1920, em Recife, Brasil. Em 1947, ele começou a trabalhar com adultos analfabetos no Nordeste do Brasil, e gradualmente aprimorou um método de trabalho com o qual a palavra conscientização\* tem sido associada. Até 1964, ele era professor de História e Filosofia da Educação na Universidade de Recife e, nos anos sessenta, se envolveu em um movimento de educação popular para lidar com o analfabetismo em massa. A partir de 1962, houve ampla experimentação do seu método e o movimento estendeu-se com o apoio do Governo Federal, de modo que em 1963-64 havia cursos para coordenadores em todos os estados brasileiros e desenhou-se um plano para que 2000 Círculos de Cultura fossem estabelecidos, visando alcançar 2.000.000 de analfabetos!

Freire foi preso após o golpe de estado de 1964, em função do que a “nova ordem” considerou como elementos subversivos em seu trabalho como professor. Ele partiu em seguida para o exílio no Chile, onde seu método foi utilizado e a *School of Political Sciences*<sup>2</sup>, da ONU, apresentou seminários sobre seu trabalho. Em 1969-70, ele foi Professor Visitante no *Center for the Study of Development and Social Change*<sup>3</sup>, de Harvard. Em 1970 ele assumiu o posto de consultor especial no Escritório de Educação do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra.

Professor Freire é casado e tem cinco filhos. Seus textos incluem vários livros e artigos em português, francês, espanhol e alemão. Em inglês, a *Harvard Education Review*<sup>4</sup> (em maio e setembro de 1970), publicou *Cultural Action for Freedom*<sup>5</sup> e, em novembro de 1970, a Herder & Herder, em Nova York, publicou *Pedagogy of the Oppressed*<sup>6</sup>.

Esta entrevista ocorreu em Genebra, aos 15 de novembro de 1970.

---

<sup>2</sup> Em tradução livre: Escola de Ciência Política

<sup>3</sup> Em tradução livre: Centro para o Estudo do Desenvolvimento e Transformação Social

<sup>4</sup> Em tradução livre: Revista de Educação de Harvard

<sup>5</sup> A edição brasileira é intitulada Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos. Essa obra foi publicada pela primeira vez no Brasil somente em 1976, pela editora Paz e Terra.

<sup>6</sup> A edição brasileira é intitulada Pedagogia do Oprimido e foi publicada no Brasil pela primeira vez em 1974, pela editora Paz e Terra.



### Uma conversa com Paulo Freire:

**RISK:** Eu vi seu livro novo, **A Pedagogia do Oprimido**. Nele, a ideia de que a educação é ou para a domesticação ou para a libertação das pessoas é um tema muito claro. Você gostaria de explicar um pouco mais a esse respeito?

**FREIRE:** Sim - eu penso assim - antes de mais nada, é importante enfatizar a impossibilidade de uma educação neutra, porque, de maneira geral e para a consciência ingênua, isso não é óbvio. Entretanto, o fato é que é impossível haver neutralidade na educação, assim como é impossível, por exemplo, haver neutralidade na ciência. Isso significa que, estejamos ou não conscientes enquanto educadores, nossa práxis é ou para a libertação dos homens - sua humanização, ou para a domesticação deles - sua dominação. Precisamente em razão disso, eu penso que é muito importante tornar claras as diferentes formas de ação no campo da educação, a fim de tornar possível nossa verdadeira opção ou escolha. Se a minha escolha é a que liberta, a que humaniza, é necessário que eu seja absolutamente claro no que diz respeito aos métodos, às técnicas, aos processos que eu tenho que usar frente aos educandos. Em geral, pensamos que estamos trabalhando para homens, isto é, com homens, para sua libertação, sua humanização; no entanto, estamos usando os mesmos métodos por meio dos quais os impedimos de se tornarem livres. Isso ocorre precisamente porque introjetamos em nós mesmos os mitos que recebemos em nossa experiência, em nossa escolarização, e esses mitos tornam impossível para nós desenvolver um tipo de ação para a liberdade, para a libertação. Então, não é apenas necessário saber que é impossível haver uma neutralidade da educação, mas é **absolutamente necessário** definir essas duas ações antagônicas e diferentes. Assim, eu preciso analisar, **para saber**, para distinguir esses diferentes caminhos no campo da educação.

**RISK:** Acredito que é crucial que eu entenda um pouco melhor que tipos de métodos ou ações, práxis, você vê como libertadoras.

**FREIRE:** Obviamente, a fim de responder a essa questão eu penso que é necessário desenvolver algumas reflexões sobre, por exemplo, as relações entre o homem e a realidade do homem no mundo; ou, dito de outro modo, as relações entre a consciência e o mundo. Isso pode parecer um tipo de fuga dos fatos concretos, o que seria um tipo de metafísica, mas na verdade não é.



Recentemente, escrevi um artigo para um evento em Roma, no qual eu disse que a educação para a liberdade, para a libertação, deve começar de uma espécie de **arqueologia da consciência**<sup>7</sup>.

**RISK:** Você gostaria de explicar um pouco mais a expressão “arqueologia da consciência”?

**FREIRE:** Antes de mais nada, não temos “consciência” aqui e mundo lá; ou seja, não há essa dicotomia entre a consciência e o mundo. Em segundo lugar, “consciência” não é **alguma coisa**, um espaço vazio, para dentro do homem. **Consciência é intencionalidade dirigida ao mundo.** Quando penso desse modo sobre uma arqueologia da consciência, estou pensando que, por meio da problematização das relações entre os homens e o mundo, é possível ao homem recriar, re-fazer, o processo natural por meio do qual a consciência apareceu no processo de evolução dele, precisamente no momento que Teilhard de Chardin<sup>8</sup> chama de “*hominisation*”<sup>9</sup> na evolução do homem. Quando a consciência aparece, há reflexão; há **intencionalidade em direção ao mundo.** O homem torna-se diferente, essencialmente diferente dos animais. O homem pode agora não apenas saber, mas pode saber que sabe.

**RISK:** Você veria alguma conexão entre esse modo de abordar o problema e, digamos, o *insight* freudiano sobre a psicanálise - em que penetrar o próprio inconsciente é descobrir-se?

**FREIRE:** No meu ponto de vista, educação para liberdade implica constantemente, permanentemente, o exercício da consciência que se volta a si mesma a fim de se descobrir em suas relações com o mundo, tentando explicar as razões que podem tornar [...] mundo. Mas isso não é suficiente. É importante destacar que a reflexão por si só não é suficiente para o processo

---

<sup>7</sup> Para mais informações sobre a expressão “Arqueologia da Consciência” e sobre vocabulário freireano de modo geral, ver STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <<http://www.famep.com.br/repositorio/ebook/Dicionario-Paulo-Freire-versao-1.pdf>> Último acesso em: 30 jul 2021.

<sup>8</sup> Sobre o texto citado, a edição publicada em português é: CHARDIN, Teilhard de. **O Fenômeno Humano.** São Paulo: Cultrix, 1988.

<sup>9</sup> Mantivemos o termo em francês conforme original. Em português, a tradução adotada para o termo de Chardin no Dicionário Paulo Freire é “hominização” STRECK, Danilo R. REDIN, Euclides. ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 86. Disponível em: <<http://www.famep.com.br/repositorio/ebook/Dicionario-Paulo-Freire-versao-1.pdf>> Último acesso em: 30 jul 2021.



de libertação. Precisamos da práxis ou, em outras palavras, precisamos transformar a realidade na qual estamos. Porém, a fim de transformar a realidade, a fim de desenvolver minha ação sobre a realidade, transformando-a, é preciso conhecê-la. Por isso minha práxis é, necessariamente e constantemente, a união entre minha ação e minha reflexão.

**RISK:** Bem, esta é uma parte essencial do seu pensamento. Será que poderíamos migrar de uma área mais sofisticada da sua filosofia para algo em direção à sua própria práxis, os tipos de coisas em que você esteve envolvido e que podem tê-lo ajudado a perceber essa compreensão?

**FREIRE:** No começo da minha experiência no Brasil, há muitos anos, embora eu exercesse uma reflexão crítica sobre minhas ações nesse processo de encontrar formas de trabalhar, era possível que eu refletisse novamente sobre minha última “ação-reflexão” em busca de teorizar aquela “ação-reflexão”. Então, antes de mais nada, eu agia.

**RISK:** Você poderia dar um exemplo?

**FREIRE:** Há um exemplo muito bom que posso dar agora. Quando eu estava pensando no Brasil em relação à possibilidade de desenvolver um tipo de método por meio do qual seria possível, para homens, para analfabetos, aprender como ler e escrever facilmente, eu pensei, na minha biblioteca, quando eu estava estudando e refletindo - eu pensei - e eu nunca disse isso antes - pela primeira vez estou dizendo isso - eu pensei que o **melhor** jeito era **não** desafiar a mente crítica - a consciência crítica do homem, mas (é muito interessante notar agora a mudança que eu fiz)... mas tentar colocar na consciência das pessoas alguns símbolos associados com palavras sem desafiar [sua consciência crítica. E] [...] para desafiá-los criticamente a fim de redescobrir a associação entre certos símbolos e as palavras, e então, assimilar as palavras. E eu lembro que eu convidei uma senhora idosa, uma mulher muito boa - uma camponesa, analfabeta - ela trabalhava conosco em nossa casa - ela era cozinheira; e em um domingo eu disse a ela, “Olhe, Maria” (era esse seu nome) “Estou pensando em começar uma **nova** forma de ajudar as pessoas que não sabem ler, como ler - e eu preciso da sua ajuda. Você gostaria de me ajudar nesta busca? Ela disse, “Sim”. E eu a convidei para a minha biblioteca, e projetei uma imagem com um menino e sob essa foto estava escrito em português **menino**, e eu perguntei a ela, “Maria, o que é isto?”. Ela disse: “**Menino**, é um **menino**”. Eu projetei outra imagem com o mesmo **menino**, mas ortograficamente a palavra menino sem a sílaba do meio - **meno** em vez de **menino** - e perguntei a ela, “Maria, o que é isto?”. Ela disse, “**Menino** de novo” e eu perguntei, “Maria, está faltando alguma coisa?” E ela me disse, “Ah sim, falta o meio”. Eu sorri e mostrei outra imagem do mesmo menino, mas



ortograficamente sem a última sílaba, **meni**, só **meni**, e perguntei de novo “Falta alguma coisa?” - “Sim, a última parte”. Conversamos por mais ou menos 15 minutos com diferentes situações com **menino - menino, meno, nino, meni** etc. e todas as vezes ela identificava a parte, na verdade a falta da parte, da palavra, e então ela me disse “Olha, estou cansada. É muito interessante, mas estou cansada”. Ela era capaz de trabalhar realmente o dia inteiro, e, no entanto, em dez minutos, quinze minutos de exercício intelectual, ela ficou cansada. É normal. Mas ela me perguntou, “Você acha que eu consegui ajudá-lo?” Eu disse “**Sim. Sim**, você me deu uma ótima contribuição. Por sua causa eu mudei meu caminho” Ela disse “Obrigada”. É **fantástica** a capacidade do amor.

E então ela saiu da biblioteca e em cinco minutos voltou com uma xícara de café para mim. Então imediatamente eu fiquei sozinho na minha biblioteca repensando minha primeira hipótese e disse para mim mesmo - agora use sua reflexão sobre essa última experiência. Eu descobri que o caminho seria realmente desafiar desde o início a intencionalidade da consciência, ou seja, a capacidade de reflexão da consciência, a dimensão ativa da consciência e **não** do outro modo como vinha pensando. Então, penso que esse é um exemplo muito bom - não? - para demonstrar como agir e refletir constantemente e **mudar** no processo de busca em que nos engajamos. Assim, com esse exemplo simples com a Maria, eu me convenci de que o caminho deveria ser outro, **eu teria que desafiar a consciência crítica desde o início**. Alguns dias mais tarde, depois dessa experiência com a Maria, eu comecei com um grupo de cinco homens, mas dessa vez desafiando-os de forma crítica. Quando eu disse a você mais cedo que é necessário tentar uma espécie de arqueologia da consciência, eu não quero dizer que é preciso convidar as pessoas para discutir Chardin - para discutir as dimensões científicas da evolução! Não, não, não! A arqueologia da consciência implica somente convidar homens que estão no nível ingênuo de suas consciências, ideologizados numa realidade concreta na qual não podem se expressar, não podem expressar a palavra, não sabem **que podem saber!** Convidá-los a descobrir que **é possível a eles saber** precisamente por que homens podem saber que eles sabem<sup>10</sup>.

**RISK:** É esse o processo a que se chama conscientização? Porque penso que essa é uma palavra que as pessoas não entendem bem.

---

<sup>10</sup> Complementando essa ideia, em *Pedagogia do Oprimido* encontramos: "O que nos parece indiscutível é que, se pretendemos a libertação dos homens, não podemos começar por aliená-los ou mantê-los alienados. A libertação autêntica, que é a humanização em processo, não é uma coisa que se deposita nos homens. Não é uma palavra a mais, oca, mitificante, É práxis, que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo". FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 77.



**FREIRE:** Sim, esta é uma das dimensões do **processo de conscientização**. E é importante destacar isto a fim de compreender o que a **conscientização** realmente é, é necessário evitar dois tipos de erros que corremos o risco de cometer. Primeiro, o erro do idealismo, o erro do subjetivismo, no qual a consciência seria a criadora do mundo, da realidade - criamos realidade em nossa consciência, consciência cria a realidade! O segundo erro é um erro em que temos apenas a objetividade, a hipertrofia da objetividade que implica o objetivismo, ou seja, a exacerbação do poder da objetividade de criar ou condicionar a consciência - a consciência **aparece** nas relações entre o homem e o mundo, e a realidade. No entanto, não é apenas **o reflexo da realidade**, porque é reflexiva. Não? Então, esses dois erros não podem iluminar o processo de **conscientização**.

Somente quando compreendemos a “dialeiticidade” entre consciência e mundo - ou seja, quando sabemos que não temos uma consciência **aqui** e o mundo **lá**, mas ao contrário, quando ambos, objetividade e subjetividade, estão encarnados dialeticamente, é possível entender o que é **conscientização** - e entender o papel da consciência na libertação do homem. Eu penso que é muito importante enfatizar esse aspecto, porque por muitas vezes as pessoas pensam que eu estou defendendo um tipo de idealismo, que eu estou aqui escrevendo, pensando, falando, que os homens podem se libertar em suas consciências, mas **isso é impossível e eu nunca disse isso**. O que eu digo é que se a reflexão por si só não é suficiente para o processo de libertação do homem, porque precisamos de ação, então ação por si só não pode realizar o processo, precisamente porque o homem não é apenas ação, mas é também reflexão.

**RISK:** Isso significa que deve haver uma dimensão política no processo de conscientização? Eu imaginaria que o homem que está no processo de libertação, ou descobrindo sua consciência liberta, só pode continuar o processo na mesma medida em que se envolve, se compromete, com o mundo.

**FREIRE:** Sim, é exatamente como você está dizendo. Do meu ponto de vista, não podemos libertar os outros, homens não podem libertar a si mesmos sozinhos, porque homens se libertam em comunhão, mediada pela realidade que eles devem transformar. Então, o processo de libertação não é um presente que eu dou a você. Eu penso o mesmo quanto à salvação, da perspectiva da Teologia.



**RISK:** Diga, na sua experiência agora, como algumas das suas reflexões foram trabalhadas? Quais são alguns exemplos de práxis que você conhece? Houve algum desenvolvimento ou algum outro tipo de mudança sutil de que você saiba, à medida que a práxis ocorre?

**FREIRE:** Eu acho muito interessante contar a você algumas mudanças na minha práxis, na própria teorização; na verdade, não feitas por mim, mas por outros grupos de jovens e educadores. Por exemplo, no México, todo ano eu vou a Cuernavaca para dar um seminário para grupos latino-americanos. Ano passado, em junho, eu fui pra lá para coordenar um seminário por uma semana, com 150 pessoas, mais ou menos, da América Latina. E em janeiro passado eu fui de novo, e conheci um grupo de 15 pessoas, pessoas jovens, um grupo ecumênico - havia protestantes e católicos no grupo. Depois do seminário em junho, eles criaram um grupo para começar a trabalhar. E entre junho e janeiro, quando eu fui pra lá de novo, eles tinham uma ótima experiência com [ilegível no original]. “Olha, Paulo, a gente gostaria de falar com você pra mostrar uma coisa que fazemos diferente de você”. E eu disse, “Ah, fantástico!”. E quando eles me explicaram, eles tinham feito ao menos uma coisa diferente de mim, e eu penso que era melhor do que o meu jeito. Vou contar o que é essa dimensão. Eu disse em meus trabalhos, meus artigos e livros, que no processo de alfabetização, se a sua escolha é libertária e humanizadora, não podemos começar pelas nossas palavras, as palavras geradoras, mas, ao contrário, precisamos fazer uma pesquisa com as pessoas a fim de encontrar as palavras **delas**. Você deve começar pelas palavras das pessoas e não pelas suas palavras - mas eles tinham feito algo muito, muito bom. Em vez de fazer a busca para descobrir as palavras das pessoas **antes** do processo de alfabetização, eles **começaram o processo** sem a investigação! Agora, como? Eles mostraram aos grupos de analfabetos algumas imagens, e eu usava também essas imagens, a fim de discutir exatamente as relações entre o homem e o mundo, para descobrir, por exemplo, a diferença entre cultura e natureza etc., a ação do homem na realidade, transformando a realidade, criando o mundo dos homens, que é o mundo da cultura e da história etc. E, por meio da discussão da primeira imagem, que eles gravaram, eles obtiveram a **primeira** palavra. Ou seja, ao discutir a primeira imagem, que tratava das relações entre homem e realidade, eles pegaram a primeira **palavra geradora** das pessoas. E no segundo dia eles discutiram a primeira palavra geradora sem saber a segunda. Na discussão sobre a primeira palavra geradora, eles capturaram a segunda palavra e daí em diante.

**RISK:** Agora, quando você usa a frase “palavra geradora” você está obviamente descrevendo uma palavra em particular. Você poderia dar um exemplo do que é uma palavra geradora?





**FREIRE:** Sim. Em uma língua silábica, como Português e Espanhol, por exemplo, as palavras geradoras são aquelas que, sendo compostas de sílabas, tornam possível por meio da combinação dessas sílabas, a criação de outras palavras. Por exemplo, você tem no Espanhol a palavra **paloma** - o pássaro da paz, um pombo. Se você quebra essa palavra **paloma** é **pa, pe, pi, po, pu**; a família da segunda [sílabas] é **la, le, li, lo, lu**; a chamada família linguística. Ou seja, a família da primeira sílaba de paloma é pa, pe, pi, po, pu; a família da segunda é la, le, li, lo, lu; e a da terceira é ma, me, mi, mo, mu. Depois de quebrar essa palavra nas suas sílabas, você tem três famílias linguísticas - e agora [você pode... ilegível no original] são mais ou menos oitenta palavras, não? E precisamente porque esses analfabetos não são oralmente analfabetos (veja, homens podem ser analfabetos e ainda assim falar, conversar na sua língua) eles conseguem reconhecer essas novas palavras nas combinações e na possibilidade de combinar essas sílabas, eles conseguem reconhecer o próprio vocabulário - e assim eles recriam o próprio vocabulário. Mas a questão com esse grupo de mexicanos era que eu comecei investigando as dezessete palavras geradoras que eram necessárias, antes do processo em si. Eles começaram pela discussão sobre o homem no mundo e por meio da discussão eles capturaram a palavra geradora. E eu acho que isso é muito importante, sobretudo em certas regiões, nas quais as pessoas não acreditam mais e estão cansadas - é muito importante começar imediatamente com as pessoas o processo de alfabetização - e por meio dessas discussões iniciais é possível capturar as palavras das pessoas.

**RISK** Agora, o que você acha do problema da escolarização? Voltando à ideia original que você tinha de que pode haver educação para a libertação e educação que é para domesticação, onde você vê a escola? A maioria das pessoas argumentaria que, bem, o sistema educacional é onde combatemos o analfabetismo, porém é uma forma muito cara. É possível que o método de que você está falando seja uma escolha, uma opção, nesse problema da alfabetização?

**FREIRE** Entendo. Olha, por exemplo, no Brasil, onde estamos trabalhando a nível nacional - eu não me lembro agora exatamente do custo de cada unidade educacional - mas era muito, muito, muito acessível para um país subdesenvolvido como o Brasil. Eu lembro que o custo do projetor que importamos da Polônia era de \$2.50, comprado no Brasil, e o *stripp film*<sup>11</sup> \$1 mais ou menos por unidade educacional. Eu acho que no total, cada unidade para o processo de alfabetização era por volta de \$5, ou \$6-7 mais ou menos<sup>12</sup>. Mas em dois meses você tem, em cada unidade, 25

---

<sup>11</sup> Mantivemos o termo em inglês, conforme utilizado em FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983, p. 115.

<sup>12</sup> Os valores na referida obra foram citados em cruzeiros: "Acrescentemos ainda que um círculo de cultura se montava com um projetor de fabricação polonesa, chegado ao Brasil pelo custo de sete mil e oitocentos



homens lendo, usando o mesmo material, então em quatro meses, com 50 homens lendo, o custo desaparece.

**RISK** Você claramente revela o custo do seu método. Entendo que você tem um grupo de pessoas analfabetas e que você trabalha com elas por aproximadamente oito semanas, e usando seu método de descoberta de palavras por meio de imagens, e por meio de conversas sobre a palavra geradora e como isso cresce - de modo que em oito semanas você terá atingido certo nível de alfabetização que eu entendo ser então suficiente, como um ponto de partida?

**FREIRE** Sim, apenas isso.

**RISK** Então em períodos de oito semanas você consegue atingir esse ponto de partida com pessoas analfabetas adultas, mas uma criança, em busca de atingir o mesmo nível de alfabetização, demandaria tantos anos num sistema escolar caro que a comparação em despesas apenas, em análise de custo, é favorável ao seu programa de alfabetização.

**FREIRE** Sim, creio que sim.

**RISK** Mas você teria outras objeções às escolas, além do elemento do custo, certamente?

**FREIRE** Sim, veja. Eu penso que Ivan Illich está absolutamente certo quando ele descreve as escolas, não importa seu nível - primário ou não - como instrumentos de controle social. Realmente, as escolas em si são instituições domesticadoras. Eu não sei se você conhece uma música muito bonita, do Tom Paxton, acho, e é cantada pelo Pete Seeger, na qual ele pergunta ao menino, "O que você aprendeu na escola hoje, meu menininho?" - eu acho que a resposta que o garoto dá na música é, com algumas diferenças, a mesma resposta que milhões e milhões de crianças dariam hoje no mundo. Ou seja, a escola em si cria alienação de nós, em nós, precisamente porque a tarefa das escolas - em sentido errado... em uma perspectiva errada - é de transferir aos estudantes o conhecimento existente, mas, veja - é **muito, muito** importante notar - o conhecimento existente **existe** porque a consciência, em seu poder reflexivo, pode conhecer. Na verdade, o conhecimento existente hoje nasceu do conhecimento de ontem, que se tornou velho; do mesmo modo, o conhecimento futuro deve nascer do conhecimento existente hoje. Ou seja, **conhecimento é um processo**. Mas o que é a escola? É uma casa na qual estudantes são

---

cruzeiros. Um *stripp-film*, que nos custava, enquanto não montássemos nossos laboratórios, quatro a cinco mil cruzeiros" (op. cit, p. 116).



convidados a assumir uma atitude passiva a fim de receber a transferência<sup>13</sup> do conhecimento existente sem reflexão sobre a própria possibilidade de criação desse conhecimento! Eu não sei se estou sendo claro. É por causa disso que eu falei antes sobre a arqueologia da consciência. Em vez de transferir o conhecimento existente é necessário convidar a consciência a assumir uma postura ativa sem a qual é impossível criar conhecimento<sup>14</sup>. Mas isso não está acontecendo nas escolas primárias [ilegível no original] na universidade é a mesma coisa - e isso implica uma mitologização da realidade, porque apenas a educação para libertação implica desmitologizar a realidade, enquanto a educação para domesticação implica mitologizá-la, não? E é muito interessante, não é? Mas não é possível para as elites no poder, por exemplo, me impedir de pensar. Ok? **É impossível.** É impossível porque pensar - pensamento - resulta das nossas relações com o mundo e porque nós nos tornamos, no nosso processo evolutivo, seres reflexivos. Então é impossível impedir os homens de pensar. Mas, se não é possível impedir os homens de pensar, é necessário, a fim de manter o **status quo, mitologizar a realidade**, para mitologizar a consciência. Porque também seria impossível falsificar a realidade sem falsificar a consciência, porque a realidade é uma realidade de consciência, então é necessário falsificar a consciência da realidade. Então - a falsificação da realidade é ela mesma a falsificação da consciência e, por causa disso, é necessário usar da propaganda - quanto mais você falsifica a realidade - mitologiza a realidade - você está mitologizando a consciência dos homens. Homens vivem por meio de mitos, e homens estão envolvidos em mitos e não na verdade, mas com a ilusão de que estão pensando corretamente. Educação para libertação, pelo contrário, precisa desmitologizar a realidade a fim de desmitologizar a consciência e por isso, repito, eu falei sobre a arqueologia da consciência e na

---

<sup>13</sup> Sobre a transferência de conhecimento, o autor apresenta a concepção “bancária” da educação como instrumento de opressão em *Pedagogia do Oprimido*: “Eis aí a concepção ‘bancária’ da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (...) Na visão ‘bancária’ da educação, o ‘saber’ é uma doação dos que se julgam sábios aos que se julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão - a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro”. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p.66-67.

<sup>14</sup> A reflexão aqui apresentada está presente também em “*Pedagogia do Oprimido*”, que consideramos pertinente citar a seguir, como referência complementar. “A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo encha de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanisticamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência intencionada ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas a da problematização dos homens em suas relações com o mundo” (op. cit., 1979, p.77).



educação para a domesticação, temos outro tipo de arqueologia, que seria a “arqueologia da irracionalidade”.

**RISK:** Você tem frases maravilhosas! Sabe, implícito no que você está dizendo sobre problematizar as escolas como sendo o que Illich chama de instrumentos de controle social está uma problematização muito direto das igrejas, porque elas são, igualmente, instrumentos de controle social. Não apenas porque elas mantêm uma variedade de escolas, na verdade historicamente elas tiveram um papel importante na criação do tipo de sistema escolar que está agora sendo sacralizado pela sociedade, mas elas em si ainda perseveram, eu diria, nesse tipo de mitologização da realidade. Agora, o que você diria sobre as igrejas nesse contexto?

**FREIRE:** Recentemente, eu escrevi uma carta respondendo a outra para um(a) jovem teólogo(a) americano(a)<sup>15</sup> na qual eu disse algo sobre isso. Eu penso que o papel real da igreja não deveria ser o de mitologização, o de domesticação, o de desenvolver a burocracia da fé.

**RISK:** Exatamente.

**FREIRE:** Do meu ponto de vista, pelo contrário, o papel da igreja deve ser o papel de libertação, de humanização do homem... Precisamente por isso eu estou cada vez mais interessado em trabalhar com teólogos. Do meu ponto de vista, a teologia hoje tem muitas coisas a fazer. Ou seja, do meu ponto de vista, teologia não é algo supérfluo. Não, ao contrário. Mas, é óbvio, eu não estou falando da falsa teologia, não uma teologia do blá-blá-blá - teologia idealista - mas uma **teologia que é parte da antropologia**, que é historicamente engajada a fim de discutir, por exemplo, a Palavra de Deus, e nossas relações com a própria Palavra de Deus. Como devem ser minhas atitudes, por exemplo, diante da Palavra de Deus? Eu penso que minha atitude não pode ser a de um ser vazio esperando ser preenchido pela Palavra de Deus. Penso também que para ouvi-la, é necessário que eu esteja engajado no processo de libertação do homem. Por isso eu penso que teologia, uma teologia como essa, deve estar conectada à educação para libertação - e a educação para libertação com a teologia. Eu tenho muito interesse e eu estou pensando, por exemplo, em tornar possível no próximo ano - não necessariamente por meio do Conselho Mundial de Igrejas - em ter um encontro em Geneva com alguns teólogos católicos e protestantes do Terceiro Mundo (não geograficamente falando, mas o Terceiro Mundo do Primeiro Mundo também) para discutir

---

<sup>15</sup> Deixamos em aberto o gênero da pessoa em questão pois nada no texto original em inglês informa se trata-se de homem ou mulher.



esse tipo de teologia - é uma grande preocupação hoje na América Latina. Temos entre protestantes e entre católicos uma preocupação com uma teologia assim.

Por fim, eu penso que nossa tarefa como cristãos não pode ser paternalista. Ou seja, eu não posso ser o autor da sua salvação. Eu não posso sair da minha casa para procurar pecadores e salvá-los. Eu preciso viver como um homem entre homens! - debatendo, agindo, transformando, criando - e em todas as dimensões da minha vida, minha existência, eu posso encontrar a presença de Deus, mas a presença de Deus não significa a imposição de Deus. Deus é uma presença - no entanto, sua presença não me impede de fazer história, qual seja a história da libertação do homem.

**RISK** Talvez a teologia da libertação e a libertação do homem possam ser, em última instância, a libertação de Deus?

**FREIRE** Sim, porque Deus, também, de certo modo, é mitologizado por nós.

### REFERÊNCIAS

CHARDIN, Teilhard de. **O Fenômeno Humano**. São Paulo: Cultrix, 1988.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

STRECK, Danilo R; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Disponível em: <http://www.famep.com.br/repositorio/ebook/Dicionario-Paulo-Freire-versao-1.pdf> Último acesso em: 30 jul 2021.